



Língua Portuguesa  
Homenagem a António Gedeão



**Pastoral**

Não há, não  
duas folhas iguais em toda a criação.

Ou nervura a menos ou célula a mais,  
não há, de certeza, duas folhas iguais.

Limbo todas têm,  
que é próprio das folhas;  
pecíolo algumas;  
bainha nem todas.  
Umam são fendidas,  
crenadas, lobadas,  
inteiras, partidas,  
singelas, dobradas.

Outras acerosas  
redondas, agudas.  
macias, viscosas,  
fibrosas, carnudas.

Nas formas presentes,  
nos actos distantes,  
mesmo semelhantes,  
são sempre diferentes.

Umam vão e caem no charco cinzento,  
e lançam apelos nas ondas que fazem;  
outras vão e jazem  
sem mais movimento.

Mas outras não jazem,  
nem caem, nem gritam  
apenas volitam  
nas dobras do vento.

É dessas que eu sou.

António Gedeão, *Poesias Completas*, 3ª ed. Portugal  
Editora, Lisboa, 1970

1. No primeiro verso assiste-se à repetição do “não”.
  - 1.1. O que pretende o poeta?
  - 1.2. Classifica a palavra destacada.
2. Transcreve outro verso que confirma a ideia inicial.
3. O poeta serve-se das folhas para se referir ao comportamento dos seres humanos.
  - 3.1. Explica o sentido da antepenúltima estrofe.
4. “É dessas que eu sou.”
  - 4.1. Explica por que motivo este verso se encontra isolado.

**Laboratório da Língua**

1. Transcreve do poema todas as características das folhas.
  - 1.1. Classifica as palavras transcritas.
2. No poema estão presentes algumas das partes (merónimos) que compõem uma folha (holónimo).
  - 2.1. Indica-as.

**Fixa**

**Holonímia/ Meronímia**

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada de holónimo) refere um todo do qual a outra (designada de merónimo) é parte constituinte.

Não confundas esta relação com *hiperonímia/hiponímia*, que se prende com o ser.

Enquanto que braço é merónimo de corpo, porque é uma parte dele, sardinha é hipoónimo de peixe porque também é peixe.

Exemplo:

A sardinha é um peixe. (relação de hiponímia/hiperonímia)

O barco tem leme, vela, proa, ... (relação de holonímia/ meronímia)

## Poema do Coração

Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração,  
e também a Bondade,  
e a Sinceridade,  
e tudo, tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração.  
Então poderia dizer-vos:  
"Meus amados irmãos,  
falo-vos do coração",  
ou então:  
"com o coração nas mãos".

Mas o meu coração é como o dos compêndios.  
Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)  
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).  
O sangue ao circular contrai-os e distende-os  
segundo obrigação das leis dos movimentos. (...)

Então, meninos!  
Vamos à lição!  
Em quantas partes se divide o coração?

António Gedeão, *Poemas Escolhidos*, Ed. João Sá da Costa,  
Lisboa, 1ª ed. Março 1997

1. Depois da leitura atenta do poema, verificaste que a palavra coração é usada ora no sentido denotativo (real) ora no sentido conotativo (figurado).
  - 1.1. Identifica as estrofes que se associam a cada um destes sentidos.
2. Atenta nos primeiros quatro versos.
  - 2.1. Explica por que motivo o poeta formula este desejo.
  - 2.2. Indica a razão da utilização da maiúscula nos sentimentos referidos.
3. A segunda estrofe é introduzida pelo conector mas.
  - 3.1. Explica por que razão se encontra no início desta estrofe.
4. Atenta nos versos "falo-vos do coração" e "com o coração nas mãos".
  - 4.1. Clarifica o sentido destes versos.
  - 4.2. Procura outras expressões que contenham a palavra "coração".

## Laboratório da Língua

Neste poema, a palavra **coração** surge quer no contexto afectivo quer no contexto fisiológico. Assim, podemos dizer que estão presentes dois significados do **campo semântico** de coração.

### Campo semântico

Conjunto dos significados que uma palavra pode ter nos diferentes contextos em que se encontra.

*Campo semântico de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne", etc.*

- ✓ Constrói o campo semântico de **banco**.

Não deves confundir este conceito com o de campo lexical.

**Campo lexical** é o conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual.

*O conjunto de palavras "jogador", "árbitro", "bola", "baliza", "equipa", "estádio" faz parte do campo lexical de "futebol".*

- ✓ Constrói o campo lexical de **praia**.

## Lágrima de preta

Encontrei uma preta  
que estava a chorar,  
pedi-lhe uma lágrima  
para a analisar.

Recolhi a lágrima  
com todo o cuidado  
num tubo de ensaio  
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,  
do outro e de frente:  
tinha um ar de gota  
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,  
as bases e os sais,  
as drogas usadas  
em casos que tais.

Ensaiei a frio,  
experimentei ao lume,  
de todas as vezes  
deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,  
nem vestígios de ódio.  
Água (quase tudo)  
e cloreto de sódio.

## Lição sobre a água

Este líquido é água.  
Quando pura  
é inodora, insípida e incolor.  
Reduzida a vapor,  
sob tensão e a alta temperatura,  
move os êmbolos das máquinas que, por isso,  
se denominam máquinas de vapor.  
É um bom dissolvente.  
Embora com exceções mas de um modo geral,  
dissolve tudo bem, bases e sais.  
Congela a zero graus centesimais  
e ferve a 100, quando à pressão normal.

Foi neste líquido que numa noite cálida de Verão,  
sob um luar gomoso e branco de camélia,  
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia  
com um nenúfar na mão.

## Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos  
que em verde e oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho álcere e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que fossa através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,  
máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa-dos-ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é cabo da Boa Esperança,  
ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, passo de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão do átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida,  
que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.

In *Movimento Perpétuo*, 1956

## Poema para Galileo

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,  
aquele teu retrato que toda a gente conhece,  
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce  
sobre um modesto cabeção de pano.  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha  
Florença.  
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.  
Disse Galeria dos Ofícios.)  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada  
Florença.

Lembras-te? A Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza  
della Signoria...  
Eu sei... eu sei...  
As margens doces do Arno às horas pardas da  
melancolia.  
Ai que saudade, Galileo Galilei!

Olha. Sabes? Lá em Florença  
está guardado um dedo da tua mão direita num  
relicário.  
Palavra de honra que está!  
As voltas que o mundo dá!  
Se calhar até há gente que pensa  
que entraste no calendário.

Eu queria agradecer-te, Galileo,  
a inteligência das coisas que me deste.  
Eu,  
e quantos milhões de homens como eu  
a quem tu esclareceste,  
ia jurar- que dispartes, Galileo!  
- e jurava a pés juntos e apostava a cabeça  
sem a menor hesitação-  
que os corpos caem tanto mais depressa  
quanto mais pesados são.

Pois não é evidente, Galileo?  
Quem acredita que um penedo caia  
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou  
que um seixo da praia?  
Esta era a inteligência que Deus nos deu.

Estava agora a lembrar-me, Galileo,  
daquela cena em que tu estavas sentado num  
escabelo  
e tinhas à tua frente  
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de  
capelo  
a olharem-te severamente.  
Estavam todos a ralhar contigo,  
que parecia impossível que um homem da tua  
idade  
e da tua condição,  
se tivesse tornado num perigo

para a Humanidade  
e para a Civilização.  
Tu, embaraçado e comprometido, em silêncio  
mordiscavas os lábios,  
e percorrias, cheio de piedade,  
os rostos impenetráveis daquela fila de sábios.

Teus olhos habituados à observação dos satélites e  
das estrelas,  
desceram lá das suas alturas  
e poisaram, como aves aturdidas- parece-me que  
estou a vê-las -,  
nas faces grávidas daquelas reverendíssimas  
criaturas.

E tu foste dizendo a tudo que sim, que sim senhor,  
que era tudo tal qual  
conforme suas eminências desejavam,  
e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal  
e que os astros bailavam e entoavam  
à meia-noite louvores à harmonia universal.  
E juraste que nunca mais repetirias  
nem a ti mesmo, na própria intimidade do teu  
pensamento, livre e calma,  
aquelas abomináveis heresias  
que ensinavas e descrevias  
para eterna perdição da tua alma.  
Ai Galileo!

Mal sabem os teus doutos juizes, grandes senhores  
deste pequeno mundo  
que assim mesmo, empertigados nos seus  
cadeirões de braços,  
andavam a correr e a rolar pelos espaços  
à razão de trinta quilómetros por segundo.  
Tu é que sabias, Galileo Galilei.

Por isso eram teus olhos misericordiosos,  
por isso era teu coração cheio de piedade,  
piedade pelos homens que não precisam de sofrer,  
homens ditosos  
a quem Deus dispensou de buscar a verdade.  
Por isso estoicamente, mansamente,  
resististe a todas as torturas,  
a todas as angústias, a todos os contratemplos,  
enquanto eles, do alto incessível das suas alturas,  
foram caindo,  
caindo,  
caindo,  
caindo sempre,  
e sempre,  
ininterruptamente,  
na razão directa do quadrado dos tempos.